

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Linha férrea do Vale do Ave

Somos informados de que mereceu plena aprovação o projecto da linha férrea do Vale do Ave.

Congratulamo-nos com a notícia, porque ela vem confirmar a justiça que assistia a essa fertilíssima zona, a esse colosso industrial que se alonga suavemente beijado pelo Rio Ave.

E nós que já em tempos aqui procuramos salientar a necessidade urgente dessa linha que se torna indispensável ao progresso regional, não poderemos deixar de manifestar o nosso desejo de que o projecto agora aprovado seja dentro em breve uma realidade.

De facto não basta, nem isso pode satisfazer ao nosso espirito bairrista, que a linha férrea do Vale do Ave seja tomada em consideração.

E' preciso muito mais.

E' necessário que o projecto passe à efectivação e que o laborioso povo daquele lindo rincão, inexaurível fonte de riqueza, veja dentro em breve as espirais de fumo das locomotivas a sumirem-se no espaço, enquanto que o seu silvo agúdo lhe anuncia o progresso e o chama à luta para maiores expansões, para mais proficuos trabalhos, para mais grandiosos empreendimentos.

Urge que a energia da reclamação ordeira e justa não esmoreça, não se acolha à sombra dos loiros colhidos.

Está dado o primeiro passo para a vitória; é preciso trabalhar com afinco, com forte união para que a corôa triunfal se não derrube; é preciso lutar para que a sentença da justiça seja executada, construindo a linha que mereceu a aprovação superior.

Quem manda?

Neste artigo, publicado no nosso número anterior, lê-se «respeitando as benesses» — quando nós escrevemos *regeitando as...*

Fica assim desfeito o engano, e pedimos desculpa de outras faltas que, contrariamente à nossa vontade, apareceram nesse número.

Falsos portugueses?

Um imbecil qualquer, que se diz correspondente do "Ecos de Guimarães", — em Fafe, vem, mais uma vez, mostrar publicamente o que é e o quanto vale.

Desta vez, aparece um pouco mais furioso, com vontade de *agarrar nas canelas* ao Sr. Dr. Bernardino Machado, ou pelo menos, de lhe chegar a baba à biqueira das botas... Este rafeiro, que é covarde e poltrão, aproveita a ocasião da *maré lhe ser favorável* para insultar os republicanos, chegando a classificar de falsos portugueses todos aqueles que tem veneração e estima pelo Sr. Dr. Bernardino Machado. Até onde chega a ousadia e a estupidez dum sabujo, dum canalha, dum garôto, dum perjuro, dum audacioso, dum vilão, enfim, dum ser miserável, que é a escumalha, é a infâmia, é o monturo!...

Este canino, que não conhece o que é a educação moral da sociedade, mas não duma sociedade anormal, criminosa, má e estúpida, a geradora de perversos, de feras e de monstros, a cuja categoria elle pertence, tem apenas um caminho a seguir: — recolher-se num *canil* e, conseguir, da misericórdia humana, que não seja *abatido* passados os dias indicados na Lei... Só assim deixará de babujar os republicanos, os quais, em nome da caridade, terão a generosidade de, no local indicado, lhe chegar a respectiva *côdea*, apesar de ter procurado atingi-los com fortes *ferradelas*...

Daqui pode concluir, o feroz animal, que o dia de amanhã pode ser diferente do dia de hoje, e que, por isso, é de aproveitar toda a prudência possível...

Nós admitimos todas as convicções que cada um queira ter e respeitámo-las sinceramente, quer seja monárquico, ateu ou religioso, etc. Repelimos, porém, todos aqueles que, sem dignidade, não respeitam as nossas nem as de todos os que pensam como nós.

Chamar falsos portugueses a criaturas de toda a honrabilidade, pelo simples facto de serem coerentes com os seus princípios, não o consentiremos sem o mais formal protesto. O que fica dito, relativamente ao *baboso* correspondente em referência, é a consequência da falta de educação do mesmo e do respeito que elle deve ter pelas convicções dos outros.

Os Cães vadios

Há uma lei que regula a vida canina a dentro dos muros duma cidade, e como tal existe certamente um recinto onde alojar esses animais para poderem ser reconhecidos e reclamados pelos seus donos, mediante o pagamento de uma determinada importância, ou em caso de não haver reclamação dos ditos donos, serem os animais condenados à morte.

É necessário pôr termo à quantidade de cães que se notam por essas ruas, fazendo-nos lembrar mais um canil do que artérias por onde o transeunte passeie livremente, para não ser incomodado por esse animal amigo do homem, mas em muitos casos bem inimigo.

Ainda uma destas noites, um nosso amigo, ao passar em frente ao Café Oriental, foi vítima dum cão que lhe rasgou o casaco; esse cão acompanhava uns carreiros que de nada quizeram saber, trazendo consigo um animal que tem o vício de assim atacar inofensivos transeuntes.

Parabens ao nosso amigo por não ter sofrido uma dentada nas canelas.

A V. Ex.ª Senhor Administrador do Concelho, pedimos providencias.

E' necessario acabar com os cães vadios.

O processo preferível para os apanhar será a rede, e em seguida exterminá-los o mais humanamente possível.

E' triste vermos muitas vezes em plena via pública, cães agonizando por terem ingerido bolas com veneno.

E' desumano, triste e repugnante.

Perguntar-nos há alguém, que mal fazem os cães? O exemplo que acima apontamos.

A raiva, que tanto mal causa e que tão susceptível é de contacto, é uma outra razão para a guerra do cão vadio, e dá-se presentemente o caso de que nas aldeias vizinhas alguns existem atacados desse grande mal visto os seus donos não se importarem.

E' simplesmente por estas razões, que é urgente proceder, à captura dos *cães vadios*.

E quando aparecer algum senhor carreteiro com cães dessa marca, multá-los imediatamente; mas... onde se encontram autoridades que vigiem a vida do cidadão?

Há certas ocasiões em que podem dar-se (e tem se dado) grandes desordens sem que apareça agente algum da autoridade, quanto mais para tratar assuntos de cães!

E' ou não verdade?

Que infeliz terra a nossa.

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Pela Instrução e Educação

III

Abordemos a preparação do professor primário e a orientação do ensino popular.

Assunto vasto realmente, mas não de todo incompatível com uma exposição sucinta.

Infelizmente para elle — que se esgota incessantemente, que se descalfica e martiriza — e para a nacionalidade, que deseja ver prosperas e progredir, e para a Pátria querida, que estremece, o professor primário não disfrutou ainda uma situação que lhe permitisse cumprir em toda a sua enorme grandiosidade a honrosa missão a que se votou.

Na sua grandíssima maioria isolado nessas aldeias abandonadas — êrmos onde os seus olhos sempre ávidos de novidades e de saber só de longe em longe se remiram num livro ou numa revista; até ao presente desassistido da acção pedagógica dos seus Inspectores — perdidos e burocratizados nas sedes das Inspeções Escolares, só a uma considerável pertinácia e tenacidade, inquebrantável força de vontade e a um quasi milagre financeiro se pode attribuir o facto honroso de não cristalizar.

E' justo afirmar-se que a nova geração de professores insufla na classe jactos de luz que rebrilha na metodologia e procenologia do ensino público, na sua orientação e finalidade e que ilumina a via aos estudiosos e ainda idóneos para receber e fazer fructificar a sua benéfica influencia.

Já não é mistério para elle aquella orientação filosófica que deve de nortear a sua acção social em correlação com o conhecimento do homem e do mundo. Modela o caracter do homem capaz de bastar-se.

E' verdade que sobre uma sociedade organizada impende o sagrado dever de proteger as crianças, as mulheres aos trabalhos e sacrificios da maternidade, os anormais, os degenerados corrigíveis, em ordem a que os «Códigos» não sejam tão sómente pródigos em acalentamento e protecção de classes hierárquicas ou sindicatos.

Não curemos de instrução moral; educação moral, sim, que não se aprende nos livros, mas irradia esplendorosa dos exemplos de conduta e dos hábitos de trabalhos.

Urge acordar-se em que a instrução não é de elites.

O problema da luta pela vida travada entre as sociedades está posto a claro em toda a sua acuidade.

No seio da nossa têm-se desenvolvido fenómenos confrangedores.

E' dever nosso proclamar que nem sempre foi gerida pelos mais honestos, menos pelos mais inteligentes e mais tenazes.

O ardil sobrepujou a quasi-tudo e a quasi-todos.

Dói? E' a verdade.

E não admira: um povo atacado de sonambulismo, dócil e ignorante facilmente se deixa dominar por quaisquer...

De quando em vez vislumbram-se uns sintomas de vida nova; porém os ensaios tentados resultam inalteravelmente num fracasso pavoroso. Nesta confusão de espiritos tem pairado sempre um pensamento fixo em paralelismo com a abominação pelos responsáveis de tão lastimável situação — é o reconhecimento da imperiosa necessidade da instrução educativa para se ganhar a vida pelo trabalho.

Aniquilem-se os ociosos, vezes sem conta dominadores e privilegiados e desenvolva-se uma politica de fomento e de protecção pela instrução em que a cada qual dêem segundo o que vale os meios de vida arrancados ao património comum.

O equilibrio social só do professor se deve esperar: pela instrução educativa elle o preparará. Empenha-se com estoicismo em triunfar; e triunfará, se pela miséria o não fizerem sucumbir.

Sabe educar a criança científica e racionalmente, visando à formação do carácter ao desenvolvimento e fortalecimento da vontade de guisa a o seu aluno sair um ser moral e fisico com o desenvolvimento paralelo e integral de todas as faculdades.

Guimarães, 22-11-28.

J. T. B.

Registo do Professor Primário SAIBAM QUANTOS...

Um director de uma escola de mais de 400 alunos e de mais de 10 lugares recebe pela directoria a gratificação mensal de 5\$00

E' por esta *grossa maquia* que tem de matricular os alunos, atender as reclamações e dar explicações a outros tantos encarregados da sua educação; atender os professores, presidir aos conselhos escolares e fazer tudo o que conduza ao bem do ensino e bom nome da escola.

O mesmo director recebe para expediente e limpeza da escola por ano 120\$00

E' assombroso! Excede os limites do possível e do cruel! Dezenas de degraus, corredores, tectos, 14 ou 15 salas a funcionar, mais de 400 alunos a gastarem tinta, giz, etc.

Só tirando-o à boca e estoirar de fome!!!

Aos Snrs. Assinantes

Estando avolumados serviços de que a "Tipografia Minerva Vimaranesense", necessita desembaraçar-se sem demora, e porque assim nos foi pedido, participamos aos nossos presados assinantes que na próxima semana não se publica a "A VELHA GUARDA",.

“Prove!”

Está provado que “O Conquistador”, não acerta, mas, valha-lhe esta qualidade, parece que mostra vontade de acertar... Então em que ficamos, colega? É “Liga de Defesa da República”, — é “Liga”, de Paris ou é “Liga de Defesa da República”, de Paris?... Por equívoco, embora procurasse acertar, julgaria que estava a dizer ao senhor Cura as pessoas da Santíssima Trindade?

Ah! sim, talvez... três “Ligas”, e uma só verdadeira — a “Liga de Defesa da República”, — onde estão todos os republicanos, quer os emigrados quer os que ainda estão no país, integrados todos no salutar princípio da defesa da Pátria e da República. São estes os republicanos que, não *conluídos* com os monárquicos, defendem *leal e intransigentemente* a República.

As tais individualidades republicanas da confiança do “Conquistador”, — com as quais justifica a “prova fácil”, — que afinal dá errada, são aquelas com que, em situações duvidosas, mais pode contar a Monarquia do que a República. Quer mais alguma coisa “O Conquistador”? Da nossa parte, temos dito tudo, mesmo que venha, mais uma vez, a tal intimativa do costume.

As boas almas...

As irmãsinhas da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, desde que ostentam os trajes religiosos dos tempos ominosos, reapareceu n'elas aquele coração bondoso e cristão, tão característico do famoso Torquemada, que deixou entre os seus concidadãos uma reputação de virtuoso e cristão, pelos grandes e importantes serviços prestados em prol da religião cristã.

Como dentro do hospital da Ordem, estivesse em tratamento uma octogenária de nome Maria Rosa, que devido á sua avançada idade se tornou um pouco impertinente, com pedidos de vária ordem, mas de fácil deferimento, as nossas irmãsinhas, com aquela santidade que lhes vem até do próprio traje, advertiram a pobre da velhinha que se continuasse com tais esquisitices, que a metiam dentro dum quarto fechado.

Aterrada com tal ameaça de prisão, que podia talvez ser perpetua, fugiu do hospital logo que ponde, e agora anda por aí sem eira nem beira, a contar a sua triste sorte, e a pedir guarida e pão, ás almas caridosas.

*

Ao relatar este triste acontecimento, não me move qualquer malquerença a religião católica, mas sim, chamar a atenção para quem de direito, para que estes casos não se repitam, pois que a sociedade de hoje, não é a sociedade do século XV, e o que se fez então, talvez não seja possível fazer-se hoje, apesar da boa vontade de muitos dos seus componentes.

FALECIMENTO

A intolerância religiosa

Pelas 24 horas do dia 20 do corrente, faleceu, quasi repentinamente, na rua de Camões, o nosso amigo snr. Antonio da Silva Guimarães, de 45 anos, solteiro, filho do conhecido industrial de doçaria, snr. Avelino da Silva Guimarães, e irmão e cunhado, dos nossos correligionários, snrs. Eduardo, Jacinto Guimarães e Francisco Gonçalves da Cunha.

O pranteado moço era um trabalhador incançavel, muito modesto e de belas qualidades de caracter, pelo que foi muito sentida a sua morte. O seu enterro, apesar da familia não ter feito convites, foi significativo pelo numero de individualidades do nosso partido que nele tomaram parte. O prestito funebre saiu pelas 16 horas do dia 22, da casa do falecido, indo o cadaver sobre uma carreta-automovel e ladeado pelos primos do finado snrs. Eduardo e Jacinto Guimarães, Alvaro de Oliveira Guimarães, Joaquim Magalhes Bastos e Francisco Martins os quais foram que conduziram o caixão de casa á carreta e depois no cemiterio em diversos turnos.

Portaram coroas palmas e bouquets, os snrs:

Eduardo da Silva Guimarães, uma coroa com flores artificiais com «Ultimo adeus de seus Pais»; Mario Pinto Leite, uma palma de flores artificiais — «Saudade de sua irmã e marido»; João de Deus Pereira, uma palma de flores naturais — «Recordação Eterna de seu irmão Eduardo e Esposa»; Miguel Guimarães, uma palma de flores naturais — «Descança em paz, de seu irmão Jacinto e Esposa»; Francisco Baptista Coelho da Silva, — «Ultimo beijo das suas amiguinhas e sobrinhas, Gabriela e Mariasinha»; Eugenio Leite Bastos, — «Ao nosso chorado Pai ultimo adeus de seus filhos Carlos, Isabel e Maria Amelia»; José Joaquim Pereira da Costa, — «Saudade Eterna de seus sobrinhos Maria Amelia e Avelino»; Alferes Antonio José da Costa Cunha, — «Esperate no Ceu o descanso já que morreste a trabalhar, seus sobrinhos, Jacinto, Domingos e Zecas»; Alberto Teixeira Carneiro, — «Saudades e beijos de seus sobrinhos, Alberto e Maria Augusta»; Antonio Barbosa de Abreu Guimarães, — «Eterna homenagem ao martir do trabalho, dos seus criados Manuel, Albino, Antoninha e Rosa».

1.º turno de casa á carreta — Antonio Francisco Ferreira de Castro, José Fernandes Guimarães, Padre Antonio de Jesus Teixeira, Capitão Souza Guerra, Capitão Manuel Faria.

No cemiterio 1.º turno — Comandante do Regimento de I. 8, de Braga, Bernardino Jordão, Manuel Jesus de Souza, Alferes Herculano Guerreiro, Fernando Antonio de Almeida e Manuel Ferreira Guimarães.

2.º turno — Dr. Mario Dias, Luís de Almeida Lage, Hilario da Silva Pereira, Jacinto Teixeira de Melo, de Braga, Aprigio Neves de Castro e João Antonio da S.ª Guimarães.

3.º turno — 1.º Sargento Teotonio Cardoso, 2.º Sargento Sampaio, Horacio Barreiros, Gaspar Lindoso e Manuel Machado.

O Centro Republicano de Guimarães, fez-se representar pelo seu presidente, o snr. Antonio Francisco Ferreira de Castro e o P. R. P. pelos vogais da Comissão Municipal, snrs. Antonio de Jesus Teixeira, Bernardino Jordão e José Fernandes Guimarães.

O snr. Francisco Baptista Coelho da Silva, representava os funcionarios da Repartição de Finanças.

O cortejo funebre seguiu a pé

até á barreira do Proposto, tomando ali logar em numerosos automoveis, os cavalheiros que o compunham.

Ficou sepultado no jazigo do nosso correligionario snr. Antonio Barbosa.

A Família enlutada a expressão mais sincera do nosso vivo pesar.

*

Apesar do falecido ser religioso e toda a sua familia, pois se confessava e ia á missa, o seu enterro foi civil! E porque? Porque tendo uma companheira e filhos, não teve tempo de realizar o sacramento do matrimonio. Assim o pároco de S. Sebastião, mandou dizer que não acompanhava o cadaver! E a familia respondeu que o caminho era para o cemiterio.

Nós sabemos que estas ordens são originadas pelos superiores dos párocos, mas mais graves se tornam, pois a intolerancia campeia infrene. E depois queixam-se dos desacatos de Braga. Ora, se fossemos a apurar destes casos veriamos que, para os civis, ha esta ordem, mas para os eclesiasticos, os colegas, acompanham-os e fazem-lhes o enterro religioso, não obstante eles terem incorrido nas mesmas penas dos civis. Os exemplos são de ha dias. Padres Antonio Mendes Leite e Olimpio Rebelo. Portanto, não faz sentido, que as leis canonicas se não apliquem a todos, a não ser que, salvo o devido respeito pela classe sacerdotal, onde ainda ha dignos representantes de Cristo, seja preciso fazer da lei deles funil, para salvar a honra do convento.

Se Jesus cá voltasse, corre-lhosia como outrora aos vendilhões do templo.

E, temos dito.

LUIS DEROUET

Ha um ano, uma bala traiçoeira cortou o fio á vida de Luis Derouet. Quem era o assassinado? Um homem de bem, uma mentalidade, um grande republicano.

Jornalista dos mais vibrantes e vigorosos, a sua acção no “Mundo”, foi das mais brilhantes e das mais inteligentes. Literato no escrever, pronto no ataque, pronto na resposta, correto, a sua grande soma de trabalhos jornalísticos criou-lhe nome e deu-lhe alta categoria.

Convidado para o cargo de Director da Imprensa Nacional, foi um funcionario modelar, com amor ao seu cargo, não só por dever, mas por devoção. Da Imprensa Nacional fazia um culto, uma religião de trabalho.

A sua última obra, poucos dias antes de ser varejado pelas balas de um doido, ou um mau, ou do producto dos *basfonds* de uma teoria impraticavel e estupidamente cruel, a exposição *Ex-libris*, marcara pelo sucesso, pela honestidade profissional, pelo saber de quem a organisara.

Caíu no seu posto de honra! Morreu em pleno trabalho, e devido ao seu cargo. Ele que era um Bom, foi chacinado por um Mau!

Morreu: mas não esquecer. A sua memória, em aniversário do seu falecimento foi homenageada por aqueles para quem Luiz Derouet era Alguem, pelo character, pela inteligencia, pela bondade.

Com saudade infinda nos associamos á piedosa homenagem de Luiz Derouet.

APRECIACÕES

e agradecimentos

A propósito da «Kermesse» levada a efeito pela Associação a que me orgulho de pertencer, desejo aqui fazer algumas ligeiras considerações.

Sem que pelos meus colegas disso esteja incumbido, mas julgando interpretar o sentir de todos eles, quero afirmar que a nossa classe está imensamente grata a tódas as pessoas que de qualquer modo colaboraram na «Kermesse».

Referir-me-hei primeiramente aos snrs. comerciantes e industriais, desta cidade, subúrbios e do Pevidem, que dum forma tão cativante acudiram ao nosso apêlo. A todos os que nos atenderam, a Associação dos Empregados de Comércio manifesta o seu indelével reconhecimento.

As Ex.ªs Autoridades Administrativas, a quem fomos obrigados a recorrer, receberam-nos dum forma tão gentil e cavalheiresca, que nos tornaram devidores dum gratidão que jamais se apagará dos anais da nossa colectividade.

Outras entidades a quem tivemos de nos dirigir receberam-nos dum maneira mais do que correcta, — carinhosa, deixando-nos reconhecidíssimos.

Alguns snrs. Comerciantes do Porto a cuja porta também bate-mos, foram igualmente dum gentileza cativante para connosco; e outros, ou porque são filhos desta linda terra, ou porque são amigos da nossa classe, tiveram a gentileza de nos enviar as suas prendas sem que estas lhes fóssem solicitadas. Para todos o nosso profundo reconhecimento.

A Imprensa local e aos snrs. Correspondentes dos jornais de Lisboa e Porto que á «Kermesse» se referiram, os nossos sinceros agradecimentos.

— E as lindas e gentilíssimas Senhoras de Guimarães?!

Propositadamente vos deixei, Senhoras, para último lugar.

Senhoras de Guimarães ou aqui residentes a quem não recorremos em vão: Fostes, Senhoras, dum gentileza tão inexcedivelmente cativante, que não temos palavras com que vos expressemos a nossa imensa gratidão: Senhoras:

As vossas finas mãos foram tão afanosas na confecção das prendas e tão generosas na dádiva das mesmas, que nos deixastes, Senhoras, verdadeiramente confundidos.

Senhoras: Permitti que respeitosa e nos curvemos diante de vós e que com o mesmo respeito vos beijemos as vossas lindas mãos de fadas.

Guimarães, 16-11-1928.

M. F. O. C.

Falecimento

Após cruciantes sofrimentos, faleceu ha dias na sua casa de S. Jorge de Selho, o antigo e considerado industrial snr. Antonio José Cardoso.

Ao seu funeral, realizado na igreja parochial daquela freguesia, assistiu elevado numero de pessoas de diversas categorias, sendo a sua morte muito sentida.

A família em luto, o nosso cartão de pezames.

Colaboração

Por nos ser entregue demasiado tarde, só no próximo numero podemos publicar a do nosso estimado colaborador A. P.

Ao de leve

Um cavalheiro que, semelhante ao grande músico, se sente «com coragem para tocar sete instrumentos», descobriu agora um passatempo para juntar ás suas multiphas occupações.

Certamente encontrou ainda horas sobejas para abstrair de preoccupações de uma responsabilidade de tão grande que nem éle próprio, iamos jurar, avaliou com ponderação, responsabilidade que lhe cabe em seus actos officiais de quem tem de prestar contas severas, pelo menos á sua consciéncia de fervoroso crente, já que a magnanimidade dos homens é de franca tolerância.

Podia, é certo, destinar essas horas a serviços estéreis, perfeitamente compatíveis com a sua situação — a vigôr, exigíveis de quem pretende colocar-se em degraus de sublime perfeição. Mas não.

Guindado á culminância de um cargo para que não lhe abunda a competência, entendeu que a melhor maneira de se exhibir seria arvorar-se em tirano, perseguido de todos os republicanos que não lograram conquistar o seu coração magnânimo.

E assim éle surge a todo o instante como esquadrinhador de pretextos para aliviar o seu semelhante dos magros escudos que vem auferindo no estricto e vigoroso cumprimento dos deveres profissionais, fazendo afastá-los dos seus logares.

Sente-se em Guimarães como em terra absolutamente conquistada e vá de armar-se de lança aguda para ferir, para inutilizar, para perseguir.

Que lhe importa a éle que a profissão se exerça como um sagrado sacerdotício? Quere de saber das necessidades de cada um? Orienta-o a justiça, a razão? Interessa-lhe de qualquer modo o bem estar geral?

A sua vaidade flutua insubmersivel, acima de tudo, sem ao menos pensar no que deve ser o mestre, o instrutor, o administrador, o chefe.

DOENTES

Encontra-se quasi restabelecido da enfermidade que por algum tempo o reteve no leito, o nosso presado amigo e prestante correligionario snr. Mario Pinto Leite.

*

Há alguns dias que aguarda o leito, bastante enferma, a dedicada esposa do nosso bom amigo e dedicado correligionario snr. Antonio de Souza Guise.

*

Têm estado algo encomodados, os nossos estimados amigos snrs. José Maria Gomes Alves, José Fernandes Ribeiro Gomes, respectivamente, chefe e 1.º official da secretaria da Camara Municipal.

*

A fim de ser operado no Hospital da Trindade, seguiu ha dias para o Porto, o nosso estimado amigo e laureado academico snr. Francisco Fraga.

Pinte a sua casa com

MURALINE

a melhor tinta a água

A' venda:

FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO, SUC.

Rua da República, 88